

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Divanil Antunes Urbano

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Fernando Prestes

Sorocaba/SP

2022

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora /Instituição: Daniele Torres Loureiro - Etec Fernando Prestes, em Sorocaba/SP

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

O professor Divanil Antunes Urbano é o atual Diretor da Etec Fernando Prestes. Desde que ingressei na unidade, em 2003, soube que ele havia sido aluno e acompanhei sua trajetória como professor dos cursos de Turismo, Agenciamento de Viagens e Construção Civil, bem como, diretor das unidades de São Roque e Mairinque e, desde 2019, diretor da Etec Fernando Prestes. O professor Divanil tem uma presença marcante nas atividades da escola. No Centro de Memória há inúmeras fotos de sua participação em eventos da unidade, também tive, em 2005, a oportunidade de ministrar aula junto com ele no curso de Turismo e de levar um grande grupo de alunos do curso de Secretariado da sede e classe descentralizada de Votorantim para uma viagem técnica a São Paulo, na qual conhecemos o Museu de Arqueologia, da USP, Museu de Arte Sacra, Pinacoteca e Aeroporto de Congonhas. Neste ano de 2022, sua trajetória junto a Etec Fernando Prestes e ao Centro Paula Souza está completando 30 anos, por isso entendeu-se ser importante registrar sua história, além de homenagear esse importante professor da unidade escolar.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Daniele Torres Loureiro

Local da entrevista: Centro de Memória da Etec Fernando Prestes – Rua Natal, 340- Jd. Paulistano, Sorocaba/SP.

Data: 29 de agosto de 2022

Técnico de gravação: Daniele Torres Loureiro

Duração: 1 hora, 20 minutos e 59 segundos

Número de vídeos: 1 vídeo

Transcritora: Daniele Torres Loureiro

Número de páginas: 25

Sinopse da entrevista

Entrevista realizada em 29 de agosto de 2022, no contexto do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, com o professor Divanil Antunes Urbano, engenheiro na área de Construção Civil e especialista nas áreas Turismo, Agenciamento de Viagens e Eventos. Foi aluno da Etec Fernando Prestes, ingressando em 1982, no curso de Auxiliar de Escritórios, posteriormente, cursou o Ensino Médio integrado ao curso de Desenho de Arquitetura, nesse período também presidiu o Grêmio Estudantil. Iniciou sua carreira como professor no Centro Paula Souza no início da década de 1990. Atuou como professor nos cursos de Construção Civil, Turismo e Agenciamento de Viagens; organizou viagens técnicas e inúmeros eventos na Fernando Prestes e nas outras unidades em que atuou e até mesmo no Centro Paula Souza, entre eles a Feira Tecnológica, a Expotec, o Visite e muitos outros. Foi coordenador do curso de Turismo, atuou no laboratório de currículos no Centro Paula Souza, como professor e coordenador geral, tornou-se diretor da Etec de São Roque, posteriormente, da Etec de Mairinque, a qual foi responsável por sua implantação, assim como pela criação das Etecs de Cotia e Santana de Parnaíba, é professor da Fatec de São Roque e em 2019, tornou-se diretor da Etec Fernando Prestes.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 07 de novembro a 05 de dezembro de 2022.

Nome da transcritora: Daniele Torres Loureiro

Daniele Torres Loureiro (DTL): Professor Divanil, boa noite! Hoje é dia 29 de agosto de 2022, nós queremos agradecer, em nome do Centro de Memória da Etec Fernando Prestes, por sua disponibilidade em nos conceder essa entrevista para o projeto do Grupo de Estudos em Pesquisa em Memória e História da Educação Profissional – GEPEMHEP – denominado História Oral da Educação. Seja bem-vindo e obrigada, mais uma vez pela sua disponibilidade. É... assim... se você puder nos contar um pouquinho sobre sua trajetória de vida, sua formação profissional e sua história aqui na Fernando Prestes, como foi?

Divanil Antunes Urbano (DAU): Certo... Bom, eu sou Divanil Antunes Urbano, nasci aqui em Sorocaba, em 10 de julho de 1968, sempre morei em Sorocaba, até próximo aqui da Etec, num bairro que nós chamamos aqui de Vila Jardini. Estudei, a partir dos 6 anos, assim, por insistência dos meus pais. Meu pai era motorista, minha mãe era dona de casa, mas nunca deixaram de se importar com a educação dos filhos, né! Então, meu pai, a partir dos 6 anos, vendo que... o meu interesse em ler, em tentar escrever, ele foi até o Sesi, se chama Sesi do Mangal, e conseguiu uma vaga, porque naquela época, seis anos era o Prézinho e não o Ensino Fundamental, era um outro nome que era dado.

DTL: Jardim da Infância?

DAU: Não era bem Jardim da Infância, era Ginásio?

DTL: Ginásio, sim, sim. Ginásio da quinta a oitava?

DAU: Era antes da quinta a oitava. Era a primeira série.

DTL: Antes do Ginásio... era o Primário.

DAU: Era Primário, isso! (Risos) Nós estamos tão acostumados com a nova nomenclatura. Então eu comecei com seis anos no Sesi e a partir do momento que construíram a Escola Estadual Dr. Arthur Cyrillo Freire, que é aqui pertinho também, eu comecei a ir para essa escola, a partir da quarta série e fiquei até a oitava e o meu Ensino Médio eu fiz aqui. Daí concluindo o Ensino Médio eu fiz a Faculdade de Engenharia de Sorocaba, a Facens. Eu sou Engenheiro Civil, tenho também duas pós, uma na área de Eventos, outra na área de Gestão Pública, tenho a minha Licenciatura e estou com o meu mestrado em Gestão de Empresas Turísticas e tenho algumas qualificações: sou Agente de Viagens, sou Guia de Turismo, sou Fotógrafo, então o aprender ele é o meu dia a dia. Aquilo que a gente tem dentro dessa formação de professor, eu acredito que a gente busca estar dentro de uma sala participando de novas formações e novas qualificações.

DTL: Sobre a sua família, os seus pais também são também aqui de Sorocaba, o que você poderia nos contar sobre isso?

DAU: O meu pai é de Tatuí e a minha mãe de Sorocaba.

DTL: Como eles se chamam?

DAU: Meu pai é Antônio Urbano, motorista e minha mãe, Cleonice Antunes Urbano, dona de casa, faleceu em 2008, 2007 desculpa... do lado do meu pai eu sou bisneto de italiano e do lado da minha mãe eu sou bisneto de espanhóis. Do lado da minha mãe basicamente todos são de Sorocaba e do lado do meu pai, basicamente todos são de Tatuí. Tenho dois irmãos, o Bruno que é o caçula e a Ângela que é a do meio. Meu irmão trabalha em empresa e a minha irmã trabalha na área comercial. Sou casado há 28 anos com a Celi Setsuko Urbano, também engenheira civil, conheci na faculdade, estudamos juntos. Temos os filhos Gustavo Urbano, também engenheiro civil, se formou o ano passado e Lucas Urbano que está concluindo o Ensino Médio e tem pretensões de fazer, de cursar Design Gráfico, é baterista, é guitarrista, a vida dele é a Arte. Ele faz assim com gosto e a gente fica muito feliz e temos uma cachorrinha que é a May que é parte integrante da família para todos nós. O meu filho mais velho tem a sua namorada, que é nossa nora, prestes a casar, quem sabe o ano que vem. O nome dela é Mariana, Mariana Bezerra Meaki. Então aí é uma breve trajetória nossa, tá!

DTL: Sim! E aqui na Fernando Prestes, como que é a sua trajetória, qual é a sua relação com a escola, quais as suas lembranças em relação a escola. O que você poderia nos contar sobre isso?

DAU: Primeira fase (Risos), aluno. Eu estudando no Cyrillo em 1981, eu vi a construção desse prédio do Fernando Prestes. Eu estava no pátio do Cyrillo e eu conseguia observar toda aquela parte estrutural surgindo aqui no Jardim Paulistano, né! Tem uma vista que até hoje a gente consegue... uma escola enxergar a outra.

DTL: Que legal!

DAU: E fiquei imaginando, será que é mais uma escola? O que será que vem ali, né! Foi inaugurada no final de 1981 e, em 1982, eu estava na oitava série e a escola que era ETE Fernando Prestes oferecia cursos na área de Mecânica e na área de Escritório, o auxiliar de escritório, então eu vim fazer o curso, o Auxiliar de Escritório, com a professora Afra Maria Ruiz, foi no primeiro semestre de 1982, e aprendi datilografia... vários outros...

DTL: Utilizou essas máquinas aqui?

DAU: Com certeza, uma dessas máquinas aí (Risos) eu utilizei. Na época, o que era o imposto de renda eu aprendi também, mas eu fico imaginando um pré-adolescente de 14 anos, aprendendo datilografia, aprendendo a preencher imposto de renda, então foi gostoso, uma experiência muito boa dentro da cidade, da escola. Aí eu prestei o vestibulinho no final do ano. Foi até uma saga esse vestibulinho. Não sei se eu realmente queria fazer um curso... na época não era técnico, era auxiliar, era o curso de Desenhista de Arquitetura. Um curso de três anos, junto com o ensino médio, e eu vim e fiz a inscrição para o período manhã, e no dia do vestibulinho, eu sempre morei aqui perto da escola, nesse momento estava morando no Jardim dos Estados, quando eu cheguei aqui eu vi que eu esqueci... que eu estava sem o meu RG. Naquela época não existia o celular, não existia nada, então eu precisei voltar correndo para a minha casa, mas deu tempo, eu cheguei e fiz a prova, fui classificado, fiz a minha matrícula e em fevereiro de 1983, eu comecei a primeira série, no período manhã. Tudo era muito novo e eu sempre encantado com a escola, o espaço físico, uma escola moderna, uma escola muito bem-organizada.

DTL: Em relação a esse espaço físico é como é hoje, ou tinha diferenças?

DAU: Praticamente igual, só a quadra que não era coberta, não tinha a quadrinha que tem hoje e onde é a biblioteca era um grande salão. Mais as divisões, mas o espaço sempre foi esse. Eu sempre fiquei encantado com esse espaço, e eu encontrei algumas dificuldades na época, até de entender um pouco os professores, mas nunca fui rebelde... entendeu... então eu sempre fui muito grato aos meus pais por sempre me ajudarem a estudar durante o dia, vamos se dizer, né! Eu consegui um estágio através da professora Afra, que foi na antiga empresa J. Carmona, através do auxiliar de escritório. Trabalhei uns quatro ou cinco meses datilografando lista amarela que naquela época era o meio (Risos), datilografando e tirando cópias de documentos para a empresa. Foi um período muito gostoso. Só que terminando o ano, eu assim, coloquei na minha cabeça que eu queria fazer faculdade de Direito e até foi uma alegria para o meu pai, minha mãe nunca se importou, mas meu pai sempre comentou que, né... gostaria que eu fosse um advogado e aqui o curso era Desenhista de Arquitetura e tinham os meus padrinhos de crisma, que eu sou católico, eu sempre passava as férias com eles lá em São Paulo. Em janeiro eu sempre ia para lá, meu padrinho era alfaiate e ele sempre brincava comigo que ele não tinha para quem deixar a profissão e, eu conversei com ele... olha padrinho eu quero fazer a faculdade de Direito, mas o curso não é o mesmo... daí ele falou, fica aqui, estuda aqui e faz faculdade aqui em São Paulo, então aquele adolescente, agora acho que com quinze anos, os olhinhos encheram... morar em São Paulo.... Ah! no mesmo dia minha mãe já apareceu lá, já me trouxe embora. Daí eu pedi para mudar de escola,

eu não queria mais estudar de manhã, mas era todo um processo de revolta, né! Mas não era com a escola (Risos). Daí com muito assim... briga, como meus pais não queriam que eu estudasse a noite. Eu falei então tá, se vocês querem que eu fique no Fernando Prestes eu vou estudar a noite, e foi um presente. Foi um momento de descoberta. Eu conheci novos professores... o professor Renato Deluna, a professora Ernestina, ou conhecida como Tina, a professora Rosemari, a professora Rose, a professora Leila. Então eu conheci pessoas totalmente diferentes, pessoas assim muito empenhadas, dedicadas e comecei a viver um novo momento dentro do Fernando Prestes. Então a partir de 83, passei a conviver com o grêmio, eu tive dois anos de Grêmio aqui na escola. Eu fui presidente do Grêmio, fiz vários campeonatos esportivos, até em 84, foi ano de olimpíadas, e a gente sempre teve essa tendência, antes das olimpíadas, da copa, o Brasil ele meio que se transforma. Fizemos a nossa olimpíadas aqui, com o curso de Desenhista de Arquitetura, o curso de Mecânica, e inicialmente com o curso de Contabilidade, que também nasce em 1984 e aí foi crescendo todo esse processo. Um processo bem gostoso mesmo, né! Fizemos alguns bailes aqui também. Particpei muito da escola aberta. Eu não vou lembrar agora o nome da época, que era coordenado pela professora Stela. Eu queria até fazer uma parênteses na minha fala, em 83 quando eu entrei, eu queria conhecer o evento, só que o evento de abertura era só para professores, funcionários, convidados e descobri que estava faltando garçom e eu nunca tinha trabalhado de garçom, aí eu cheguei na professora Stela e eu disse: a professora eu posso vir ajudar no evento e ela na hora aceitou. Eu fui muito responsável, mas eu queria ver o evento. Eu vim, eu participei, mas eu ajudei, enfim eu...

DTL: Você já tinha gosto também por essa área?

DAU: Já! (Risos) já tinha. E era um evento assim... a escola amava o evento. Ele tinha um nome próprio, né! Mas nós passamos a chamá-lo de Escola Aberta. Era num grande salão, onde hoje é a biblioteca e duas salas de aulas e o laboratório também. Então era um espaço muito grande, muito gostoso de criar eventos ali e a comunidade interna e externa, todos participavam. Daí, a partir de 83, tudo isso começou a crescer. O interesse pela escola, as participações, daí cheguei em 85, terceira série, muito feliz com aquilo que eu tinha escolhido e o professor Renato Deluna me indicou para um estágio com o engenheiro Paulo Sérgio de Souza Nogueira. É um grande engenheiro, um grande nome na cidade até hoje. Em maio de 85 eu comecei esse meu estágio. Desenhando a nanquim (Risos), escrevendo com aranha, as pranchetas. Não existia a informática na nossa vida, ou a área de TI na nossa vida. E o estágio ele veio muito a somar. Foi algo assim que completou. E daí eu já tinha tomado a decisão de ser Engenheiro civil, apesar do meu pai ainda lutar para que eu fizesse a faculdade

de Direito. Daí em 85, fizemos a nossa formatura, foi uma formatura bem caseira. Nós usamos aqui o espaço aqui de entrada da escola, fizemos uma missa no Salesiano, que é a igreja Nossa Senhora Auxiliadora, que a escola pertence e fui para a faculdade. Aí terminou aquela primeira fase. Na faculdade de engenharia o professor Renato foi meu professor também, e um ponto muito importante, isso é uma coisa que eu sempre falo para os nossos alunos. Eu fui, durante seis anos, que a faculdade de engenharia na época, eram seis anos, hoje são cinco, eu fui o monitor da área de Desenho, em função do meu curso técnico, ou em função do meu curso de auxiliar, que era na época, e eu tive sempre uma bolsa de estudos dentro da Facens.

DTL: O curso era de auxiliar, mas ele tinha três anos. Ele era integrado com o Ensino Médio?

DAU: Era, era junto com o Ensino Médio. Na realidade não se usava a palavra auxiliar, se usava a palavra Desenhista, esse é o termo correto. Então, nós nos formávamos como Desenhistas em Arquitetura e junto tinha o Ensino Médio. Bom, seis anos de faculdade, mas sempre um pensar em Fernando Prestes, mas pouco visitei o Fernando nessa época. Tinha muito contato com o Renato, não se tinham as redes sociais, não existia nada disso, né! Então o contato era mais presencial mesmo. Terminei a faculdade em 1991 e o professor Renato comentou que iriam abrir, na época nós falávamos concurso público, mas na realidade, processo seletivo que era vagas determinadas, para período determinado, e eu vim prestar. Fiz a minha inscrição, depois de seis anos como monitor e o monitor na faculdade ele era um professor auxiliar, então quando o professor tinha que faltar, você entrava em sala de aula. Então, eu fui sentindo que eu fui adquirindo uma experiência, na parte da docência. Fiz a minha inscrição e na mesma época abriu um concurso para a Fepasa, que hoje não existe mais, hoje é Rumo, se não me engano, que privatizou, e prestei os dois. O meu processo seletivo o professor Renato não participou. Ele fez questão de... né... de deixar a escola livre para o processo. Eu não conhecia o diretor da época. Acho que é importante a gente colocar isso.

DTL: Sim, sim.

DAU: E passeio nos dois concursos, tanto no da Fepasa, como nesse aqui do Centro Paula Souza. Lá eu seguiria engenheiro, aqui eu seguiria professor. Lá eu iria para Itapeva, aqui eu ficaria em Sorocaba. Eu sempre fui uma pessoa muito raiz, apesar de colocar a mochila nas costas (risos), mas eu sempre gostei de ficar, né... junto com os meus pais. Não tinha sonho de morar fora, de estudar fora. Isso eu fui adquirir com o tempo, naquela época não, e aí tomei

a decisão de vir para cá. Vim com pouquíssimas aulas. Tinha acho que seis ou sete aulas e foi uma experiência muito gostosa. Porque a minha primeira aula, foi uma aula de legislação aplicada ao curso de Construção Civil. Então o engenheiro sai com cálculos na cabeça, o engenheiro sai com números na cabeça e a minha primeira aula era uma aula teórica. Era falar de CLT, era falar de CIPA, Segurança do trabalho. Até eram assuntos que na época não se discutia tanto. E quando eu entrei na sala de aula, era lá no piso inferior, que para nós deve ser 6I, bem lá no cantinho a esquerda. Eu vi que eu entrei e era uma sala comprida para 12 ou 15 alunos, e todos se sentavam na frente.

DTL: Os cursos tinham um menor de alunos?

DAU: Eram alunos da quarta série, porque o curso eram quatro anos nessa época. O aluno poderia sair na terceira série, mas com interesse em ter o técnico ele teria de fazer a quarta série, os quatro anos. E os alunos se sentaram ali na frente e eu todo... assim... assustado, de quase todo mundo quase que colado comigo. Era lousa de giz, a minha preocupação de ter uma letra boa, de ter segurança naquilo que eu estaria passando para eles e foi assim uma aula que foi um presente. Um presente porque, depois eu fui descobrir. O professor Renato quis que eu comesse com essa turma. Primeiro que era uma turma que estava na quarta série. Era quarta série mesmo? Era isso mesmo. E ele quis assim... poderiam já ter saído, e fizeram a opção de ficar. Então na opinião do professor Renato, que era o coordenador do curso, ele gostaria de ter um acolhimento para que eles não desistissem e mesmo eu iniciando, um jovem, uma linguagem... o professor Renato quis me colocar nessa primeira aula e pediu para que eles se sentassem na frente, porque eles se espalhavam na sala de aula, e o que foi gostoso é que o pedido do Renato eles aceitaram, e era uma turma unida depois. Até em outras aulas eles se sentavam na frente, ele sentavam juntos, passaram a usar aquela experiência que eles tiveram, que era um pedido para que eu não tivesse que gritar na sala, enfim..., sei lá o que passou na cabeça do Renato na época, mas foi muito acolhedor. Então eu estive em 92 e 93 aqui, assim, uma experiência profissional muito grande. Eles... além das disciplinas, eu dava aula de legislação, eu dava aula de estrutura de madeiras, eu dava aula de resistência e depois eu peguei aula de desenho. Então, eram disciplinas bem pesadas e em 92, depois de quatro anos juntos, vocês não querem fazer nada de confraternização. Ai, professor, vamos fazer um churrasco, numa chácara... só que o dinheiro sempre foi difícil para todos e daí eu falei para eles, vamos fazer algumas atividades dentro da escola. Conversei na época com o professor Luís Agasi, queria pedir desculpas, ele foi o primeiro diretor.

DTL: Isso, eu ia até te perguntar.

DAU: Quando eu entrei aqui era o prof. Luís Agasi na direção. Conversei com ele, conversei com o Renato. Na realidade o Renato fazia toda a intermediação, né! Aí começamos a fazer algumas atividades. Dia do bolo, dia do chá, coisas assim que vendia muito aqui na escola.

DTL: Não havia cantina?

DAU: Era um acordo com a cantina. Era o dia do bolo. Então como a cantina não vendia bolo, então para eles... tá! Não eram todos os dias. A gente pegava um dia, começava a vender as 9h da manhã e parava às 9h da noite. Os alunos doavam um certo número de bolos e eles iam vendendo durante esse dia todo. Nós tínhamos turmas de manhã e à noite. Eu sempre trabalhei integrando as turmas. Tudo que ia ter de formatura, de viagem, de confraternizações, eu sempre unia os dois períodos. Daí nós começamos a ter uma rotina diferente na escola. Algo que eu resgatei da minha época de aluno, como presidente do grêmio. Eu fiz campeonatos, eu fiz bailes, então para eles eu coloquei essas propostas. Então em 92 nós fizemos essa confraternização. Em 93, nós fizemos uma viagem de formatura, com a participação até de pais que me ajudaram. Eu tinha 23 anos, 24 anos e os pais desde a primeira viagem que foi essa em 93, eles sempre me ajudaram. Aliás, em 93, além da viagem de formatura, nós fizemos duas viagens de estudos, que eram visitas técnicas. E essas duas visitas eu trabalhei junto com a professora Leda, que era professora de Geografia. Uma nós fomos para Brasília onde os alunos de Construção Civil, porque na época já era Construção Civil, não era mais Desenhista de Arquitetura. Eles conheceram o planejamento urbano da cidade e para atender a disciplina de Geografia, nós fizemos a parte religiosa. Então eles visitaram uma igreja católica, eles visitaram o Vale do Amanhecer, eles visitaram a LBV. Então, a professora Leda fez todo um preparo dessa parte religiosa e a localidade como um todo, o Cerrado e tudo mais. Depois nós fizemos uma viagem, que me marcou muito, muito, muito, que nós fomos para Curitiba, em setembro de 1993. Por que me marcou muito? Primeiro que já era um outro dom aflorando, né! O Turismo nascendo de forma profissional, porque a professora Leda sempre trabalhou com agência, então eu ficava olhando a professora Leda. Ela como professora e eu como professor, mas sempre olhando a forma como ela desenvolvia essa atividade e na de Curitiba eu entrei realmente participando junto com ela. E eu não conhecia Curitiba, então foi a primeira vez que eu visitei a cidade de Curitiba e onde eu trabalhei com os alunos também o planejamento Urbano e ela trabalhou a parte da imigração que é muito forte na cidade. Só que, foi quando a cidade completou trezentos anos e nós nem sabíamos disso. Nós estávamos hospedados no hotel Eduardo Sétimo. Esse hotel

nem existe mais, mas o prédio está lá. Um prédio altíssimo, bem no centro de Curitiba e eu estava acho que no 15º andar, 16º andar e chego de um passeio e estava me aprontando para o jantar, quando eu ouvi barulho de fogos, queima assim, e uns clarões e eu abri a janela e estava tendo uma procissão à Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, que é a padroeira de Curitiba. E eu olhando lá de cima, as luzes da cidade, eram só traços de vela. Então era uma multidão, os fogos acontecendo, então foi uma coisa assim que marcou muito todos nós. É, ninguém esperava, ninguém foi por isso, foi um presente mesmo. Daí, no final do ano de 93, eu fui com os alunos para Balneário Camboriú. Inclusive quem levou foi a empresa do meu pai. Meu pai sempre teve uma empresa de ônibus e eles sempre adoraram viajar com o meu pai. Era coisa assim... era porque nós não fazemos mais nesse formato. E daí 94, 94 pela Fernando Prestes, nós fizemos uma viagem para a Ocktoberfest. Fomos com 90, entre alunos, professores e funcionários. Foi uma coisa bem diferente. Apesar de ser um evento que envolve bebida, mas todos se comportavam. Ninguém foi por causa da Bebida, foram para conhecer a cultura alemã e vivenciaram com muito gosto. Aquilo que nós chamamos de bate e volta. Saímos sexta à noite daqui e voltamos no domingo à noite. Então, basicamente nós vivemos dentro do ônibus e dentro da festa.

DTL: Era muito comum nesse período as visitas técnicas. E como eram os alunos em relação a isso. Eles tinham vontade de participar, mesmo que demandasse esse empenho de venda de... no caso de bolos, essas ações?

DAU: Era, era. Para eles tudo era contemplado com a visita, então eles não tinham assim, preguiça, eles participavam mesmo, a família participava, era muito grande o número de família participando e todos acabavam se envolvendo. Era algo assim que surpreendia, porque a faixa etária de 16, 17, 18 anos. Não é algo como nós temos hoje, um público que começa com 16, 15 anos e vamos até 60, 65, enfim... Então tinha essa participação muito grande. Grande mesmo. Em 94, não em 93 nós fizemos a nossa primeira semana técnica do curso de Construção Civil. Apresentei um projeto da importância do nosso aluno visitar empresas, ter palestras e expor aquilo que produzido por nós, pelos alunos. Independente se a escola teria escola aberta ou não. Então não sei se Secretariado, Contabilidade já tinha alguma semana técnica, mas para Construção Civil, nós começamos em 93.

DTL: Acredito que na mesma época, nós temos ali algumas fotos, que são dessas semanas. Acho que aquele primeiro lá de cima. É eu tenho algumas fotos, que depois eu até vou trazer para você. E as semanas, eu criei uma parceria muito grande com as Indústrias Votorantim. Eu falo que eram visitas assim surpreendentes, que a gente entrava na extração mesmo do

minério. Hoje não tem mais visita. Nós tínhamos uma parceria com a Tigre, que é a parte de tubos e também com a Eternit que era a parte de coberturas. Então, todo ano essas três empresas... Ah! e além da Deca, também. Então essas quatro empresas, elas sempre foram nossas parceiras. Daí em 96, começa uma nova mudança, eu estava como professor aqui, agora já indeterminado, porque eu indeterminei em 94, por um concurso público. O processo era diferente, não demandava de ter autorização do Governo e sim de ter aulas livres. Então, surgiram aulas livres, então a professora Leila, então diretora. Já em 94 era a professora Leila, ela colocou, fez o concurso público. Daí participei do concurso público e indeterminei a partir de 94. A partir de 94 me tornei professor indeterminado. E é lógico, antes de indeterminar eu já me envolvia com os alunos e a partir desse momento a minha cabeça era a mil, então eu passei a fazer... participei de um projeto Conglomerados Habitacionais a convite do professor Ricardo Jacó, era uma “área invadida” tem um nome técnico, né!

DTL: Eram os Conglomerados Habitacionais?

DAU: Isso, eram os Conglomerados Sub-habitacionais, aqui no Jardim Zulmira, então eu fiz parte junto... O projeto era dele, e eu fui convidado pelo professor Ricardo, junto com a arquiteta Maria Lúcia. Fiz parte desse projeto, fiz parte de um projeto que a professora Leila, através da prefeitura trouxe aqui para a escola. Eu participei do Coral como professor. Eu participei das Danças Gaúchas como professor, e participei, fizemos também a nossa festa junina, resgatando as nossas tradições. Então, durante muitos anos, junto com a professora Sonia Bicicchi nós cuidamos da festa junina e a partir de 96, o professor Edson, que era de Contabilidade, cuidava da formatura e ele falou assim: - passo para você, e passo a cuidar da formatura.

DTL: Isso foi em 96?

DAU: Isso, 96, em 96 eu passei a cuidar da formatura e esse ano para mim também foi um ano muito marcante, né! 96 foi quando eu abri meu escritório. Saí do Paulo Sérgio, até então eu estava no escritório do engenheiro Paulo Sérgio, e eu resolvi abrir o meu escritório e dentro de todo esse processo, eu abri o escritório e eu fui fazer o meu curso de Guia de Turismo em São Paulo. Agência de viagens, uma qualificação em São Paulo, em 96. Porque como eu trabalhava com os alunos, muitas técnicas, viagens de formatura, eu tinha o interesse em ser o guia de turismo deles e não ter um guia de turismo acompanhando o grupo. Então, daí eu busquei essas qualificações e, em 98, tinha uma função dentro do Centro Paula Souza que se chamava Supervisor de Estágios e a professora Leila me convidou se eu não queria cuidar

do estágio do curso de Construção Civil e eu aceitei em 98, né! Sem fiz muitos eventos aqui na escola e eu sempre estive participando, né! Das datas comemorativas dos 60 anos, 65, 70, 75,80 (risos), então eu sempre fui participando dessas datas comemorativas e a professora Leila me convidou para ser esse supervisor de estágio. Daí em 99, eu passei ali, nós temos um corredor que tem a coordenação, a direção, eu passei e a professora Leila estava reunida com o Secretário de Educação de São Roque. Foi em julho de 99. O secretário veio informar a professora Leila que queria uma classe descentralizada em São Roque e que ia ter o curso de Turismo e por conta de um formato político eles dividiram a classe descentralizada para as duas ETEs, Fernando Prestes e Rubens de Faria. Rubens de Faria ficou com Alimentos e Eletrônica, acho que é isso! E Fernando Prestes ficou com Informática e um curso novo que seria o Turismo. Então a professora Leila falou, bom, nós já temos o formato então está tranquilo, agora Turismo e nessa hora eu passei na porta... Ah! Já resolvi... e ela veio atrás e disse, vem aqui um pouquinho, Divanil. (risos) Eu falei, professora o que aconteceu? Ela falou, não, não, fica tranquilo. Eu entrei na sala e ela falou assim: está aqui o seu coordenador de Turismo. Então eu fui coordenar o curso de Turismo, na nossa classe descentralizada, que abriu em agosto de 1999, onde tinha como coordenador o professor Antônio Carlos, que é professor na Fatec. Eu fui como coordenador de Turismo, o professor Vitório como coordenador de Informática, professora Sueli Tesoto foi como coordenadora de Alimentos e acho que o professor Ronaldo foi de Eletrônica. E ali, né, foi criando uma nova alça dentro da minha vida do Centro Paula Souza e onde eu descobri, em 99, que a matriz curricular do curso de Turismo estava errada. O Centro Paula Souza estava ofertando o credenciamento de Guia de Turismo, mas não era reconhecido naquela época pela Embratur. Hoje nós temos o Ministério do Turismo, mas na época era a Embratur. E a Etec a ETE de Itu ela já estava com uma turma a frente da nossa e os alunos estavam criando processos contra o Centro Paula Souza, porque eles entraram, acredito que também para ser Guia de Turismo que sempre foi um mercado de trabalho muito forte. Nisso eu conheci a professora Esmeralda, professora em Itu e eu coordenando São Roque. Eu precisando de um Bacharel em Turismo para dar aula no curso, eu fiz o convite a ela, e ela aceitou e ao mesmo tempo nós tivemos que arrumar o curso, daí a partir do ano 2000 eu passei a frequentar o Centro Paula Souza, então foi quando eu conheci a professora Soeli, que era supervisora do departamento que cuidava da legalidade dos cursos, que hoje é o Gfac, mas na época não era o Gfac. E a professora Soeli virou tanto para mim quanto para professora Esmeralda e disse: arrume o curso. Então nós tivemos toda a cobertura jurídica do Centro, todo o apoio dessa supervisora, que sempre lutou pelo curso de Turismo. Ela sempre lutou pelo curso de Turismo como um curso profissional e não algo elitizado, era para formar realmente profissionais e nós conseguimos em dois anos, por aí, o credenciamento na Embratur. Então

eu comecei a ter um trabalho, dentro do Centro Paula Souza, como professor de Laboratório de Currículo. Em 2002, já na gestão do professor Koritiake, ou melhor, em 2001, segundo semestre de 2001, o professor Koritiake assume a direção e ele me faz um convite: Vamos trazer o curso de Turismo para Sorocaba. Ele achava que era muito cansativo eu ficar viajando todo dia para São Roque e como é um curso que pertence ao Fernando Prestes, nada mais justo do que trazê-lo para cá e o professor Kori me ajudou muito naquela época. Fizemos naquele ano, 2001, dentro da Escola Aberta, uma sala mostrando o curso de Turismo e, a partir de 2002, passamos a ter o curso Técnico de Turismo. E quando eu fui convidado pelo professor Koritiake para ser coordenador do curso e foi um presente muito grande, porque além de coordenar o curso, ele me deu total liberdade para junto da diretora administrativa que era a Sônia Gonelli, e junto da diretora acadêmica, que na época não era esse nome, né, a Tuca, que elas me ensinassem os trâmites do que é uma vida acadêmica, o que é uma vida administrativa dentro do Centro Paula Souza. Então eu praticamente cuidava do curso de Turismo em quase todos os seguimentos e a nossa primeira turma de Turismo, conhecida como turma Alfa, que desde a primeira turma eu batizei com o alfabeto fonético, e todos tinham que criar um mascote e o mascote da primeira turma foi uma coruja. Então a gente começou a ter um outro momento dentro da Etec Fernando Prestes com o curso de Turismo. Então eu estava coordenando o curso de Turismo, tinha autorização para lecionar algumas matérias técnicas, pela formação básica que eu tinha e pela dificuldade de encontrar bacharéis em Turismo. Então tinha a professora Esmeralda junto comigo e dentro da primeira turma existia a obrigatoriedade das viagens técnicas, então todo aquele meu trabalho em Construção Civil, eu transporte para o curso de Turismo. Criou-se um pouco de inveja, não é porque eu deixei de trabalhar com o pessoal, na realidade já estamos nessa época, naquele formato modular, então aquela experiência de quatro anos, já não existia mais.

DTL: Essa mudança de perfil, ela se deu mais ou menos em que período? Teve alguma legislação que levou a isso?

DAU: Teve, teve, foi em 98, uma nova proposta para o ensino técnico, no Brasil como um todo houve esse desmembramento. Qual era o estudo que se apresentava, que o mercado tinha pressa? E muitas pessoas com já com o Ensino Médio queriam ser técnicas, então o percentual era muito alto, isso em 98, então cria-se essa Lei e dentro dessa Lei o Centro Paula Souza também é obrigado a fazer a sua remodelação. Remodela os cursos, passa a ter o Ensino médio que também era uma outra preocupação, porque os professores do Ensino Médio iam para onde. A princípio pensava-se em direcioná-los em Ética, em LTT, mas era uma absorção muito pequena. Então o Centro consegue, perante o Conselho Estadual de

Educação, perante o MEC, apresentar um Ensino Médio com projetos, porque tinha que ter uma justificativa para o Ensino Médio do Centro Paula Souza não ser igual ao da Secretaria de Educação, porque não tinha por que ter dois tipos de ensino médio iguais em secretarias diferentes. E daí nós começamos com alguns projetos no Ensino Médio. Então o que eu tenho de memória era o de Turismo e de Informática. Então não sei quantas turmas eram de Informática, quantas eram de Turismo, porque nós tínhamos quatro turmas de Ensino Médio. E dentro desses processos, daquela vivência em Construção Civil, vamos viajar, foi caindo, porque os alunos vinham para estudar, muitos eram pedreiros, outros eletricitas então onde eu fui encontrar essa atenção, no curso de Turismo. Ele era a tarde, então eram mais adolescentes, e adolescentes que desde o primeiro momento que escolhiam o curso eles eram apaixonados pela área, eles se envolviam muito. Nessa primeira turma de turismo, foi onde eu tive a primeira experiência de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Não sei se foi a partir desse momento, 2001, 2002, que nós começamos a ter o TCC em alguns cursos, trocando a obrigatoriedade do estágio, que era uma dificuldade de você ter o aluno estagiando, para concluir o curso técnico. Então essa foi uma saída muito importante do Centro Paula Souza, e onde eu tinha esse olhar do TCC como uma experiência profissional. Então nessa primeira turma de Turismo, nós trabalhamos tanto no planejamento como no desenvolvimento, um estudo da nossa região a potencialidade turística de algumas cidades e colocamos isso em prática, em uma apresentação pública, através de um evento que aconteceu no Sorocaba Clube. Então cada turma do curso de Turismo, nós fomos desenvolvendo os TCCs nessa proposta de sempre ter um evento. Na turma de Turismo também fizemos uma semana técnica, eu cuidava de duas semanas, a de Construção Civil ainda e a de Turismo. Tem também um certo momento, quando se coloca o curso de Design de Interiores que foi na gestão da professora Leila. Então eu coloquei também o curso de Design dentro da nossa Semana Técnica. Eu não dei aula para Design, eu só ajudei a professora Leila a trazer o curso, a implantar o curso, porque eu sou formado em Técnico em Design de Interiores. Técnico não, perdão, qualificação em Design de Interiores pelo Senai. Então, fomos aí trabalhando e em 2003 surge a inscrição para qualificação de diretores, eu fiz a minha inscrição mais não queria participar. Como você podem perceber fiz o vestibulinho, não queira... esqueci o RG. (risos)

DTL: Está no destino! (risos)

DAU: Então parece que o que o Divanil bate o pé... depois... (risos)

DTL: Estava escrito! (risos)

DAU: Então em 2003, eu faço a minha inscrição, até nesse ano, eu estava trabalhando na Etec, acho que já éramos Etec nessa época, eu estava trabalhando na Etec de Itu, na Martinho de Ciero, e a diretora da época, ela ganhou uma reforma da escola que tem lá, só que ela não gostava do cinza. Ela queria cor, ela queria vida e ela descobriu que eu era design de interiores, que eu era engenheiro, ela me fez uma proposta de projeto de trabalhar com pintura, de trocar alguns pisos por outros coloridos, porque não tinha verba e, também era um desperdício de dinheiro público. Então nós fomos adequando, eu desenhei o mobiliário, de toda a parte de tecido e, na época a professora Laura, nossa superintendente, ela era chefe de gabinete. Foi onde a professora Laura me conheceu, o professor Almério me conheceu, com esse projeto lá da Etec Martinho de Ciero e até o hoje, o professor Almério fala desse projeto, lá da Etec. Então isso foi em 2003. Daí 2004 fui qualificado como Diretor. Até quero fazer aí uma pontuação, o professor Koritiake, que foi diretor, ele veio me buscar aqui. Eu falei aí Kori, eu não vou, eu estava trabalhando com os alunos um sábado à tarde, montando uma exposição, que ia começar na segunda, e eu expliquei para ele, então Kori, eu não vou largar os alunos sozinhos aqui. Então ele falou assim... na minha função de diretor, ele conhecia uma aluna, que o pai era da APM e ela era maior de idade, era a Ana Timóteo, ela fica responsável por tudo. O vigia fica aqui, então fica tranquilo, que você vai fazer a prova, você vai, bem firme. Daí eu falei tá, mas eu não estou com o comprovante. Aí um aluno falou: está sim porque eu vi dentro do seu carro. Eles foram pegar tecido no meu carro, coincidentemente uma folha de sulfite estava lá. Então eu não tive como fugir e fui realmente fazer a prova, fui qualificado, e a princípio eu achei que fosse participar de um processo de eleição em Itu, mas acabei me direcionando para São Roque onde eu fui coordenador do curso de Turismo, mas eu já estava afastado há dois anos, desde que ela se tornou unidade, foi quando nós implantamos o Turismo aqui, né! E eu fui muito feliz! Concorri com treze candidatos, foi em 2004, fiquei em primeiro na lista tríplice, fui indicado pela professora Laura e foi um desafio muito grande. Era um prédio pequeno, mas era um prédio assim que eu tinha uma paixão, em virtude da coordenação do curso de Turismo e sempre fui apaixonado pela cidade de São Roque, sempre me envolvi nos conceitos políticos do município dentro do Turismo, junto com empresários, junto com o COMTUR, que é o Conselho Municipal de Turismo, sempre junto com o prefeito e quando eu assumi, ele foi no primeiro dia lá e falou para mim: tira esse elefante branco daqui. Porque na visão dela a escola tinha virado um elefante branco, então eu me senti ali responsável, de caso fosse isso mesmo, era preciso provar que era isso mesmo, eu comecei a trazer a comunidade externa para dentro da Etec. Era isso que estava faltando, era isso que... porque os cursos estavam todos lá, com alunos, com vestibulinho, então eu não tinha um elefante branco, mas eu entendi que faltava a escola se envolver com a comunidade. Então comecei a minha gestão em 2004 lá, com grandes atividades, tínhamos

os eventos da Páscoa, onde a gente sempre adotava uma instituição do município, tínhamos parcerias com hospitais por conta do curso de Enfermagem, visitas a grandes empresas por causa dos cursos de gestão. Em 2006, 2007, foi em 2006, implantamos o Ensino Médio dentro da Etec de São Roque, até então não tinha Ensino Médio. Implantamos diversos cursos da área de gestão, da área de turismo, então era uma escola inovadora de cursos, em um prédio pequeno, três, cinco salas de aulas, então era muito pequenininho mesmo, mas muito acolhedor. Fiquei lá até 2010, então nessa época da minha gestão em São Roque eu implantei a Etec de Cotia, que era uma classe descentralizada nossa. Eu implantei a Etec de Santana de Parnaíba e tinha classes em Vargem Grande Paulista, classes em Alumínio e tinha várias turmas espalhadas em Araçariguama, com um curso chamado de Via Rápida. Em São Lourenço da Serra... em que cidade que eu tinha... em São Lourenço da Serra... bom...

DTL: O curso Via Rápida ele era uma parceria ou era um curso do Centro Paula Souza?

DAU: Do Centro Paula Souza, para formar profissionais da área de panificação, na área de escritório, de eletricitista. A gente tinha uma parceria muito grande, né! E quando foi em 2009, a cidade de Mairinque foi escolhida para ter uma classe descentralizada, e toda minha equipe de gestão era de Sorocaba, e eles colocaram na minha cabeça, que eles queriam vir para Mairinque. Como eu estava na minha segunda gestão em São Roque, eu disse: como nós vamos lagar São Roque? Então você fica e nós vamos! Mas, foi uma forma deles me pressionarem. Nessa época, a Valquíria era diretora administrativa, a Cláudia acadêmica e o André era o ATA e eles armaram um plano... vamos pressionar o Divanil que ele vai para Mairinque, ele vai para Mairinque e quando foi para assinar o contrato a professora Laura não teve agenda para vir até a cidade assinar o contrato e na época o secretário era o Geraldo Alckimin, secretário de Desenvolvimento, e ela solicitou para que eu estivesse presente na assinatura. Ela falou: Ah! Divanil, você não tem de fazer nada, só ficar lá sentadinho, são eles que assinam, é o prefeito, o Geraldo Alckmin, enfim... e eu fui, né! Fui... a cidade tinha alguns probleminhas políticos, que deu para perceber. Saí de lá determinado a tentar ir para Mairinque. Aí falei com a Valquíria, uma funcionária muito antiga também do Centro Paula Souza, muito experiente, e eu falei: vamos marcar com o professor Almério, pessoa que eu respeito muito. Tudo na minha vida profissional como diretor, eu sempre consultei ele antes e falei: você vai comigo. Ela falou: Ah, não! Eu falei: não são vocês que querem mudar? Vamos todo mundo levar bronca do professor Almério, juntos. Conseguimos uma reunião com o professor Almério, fui... aí ele falou: o que vocês aprontaram em São Roque que vocês estão fugindo? Eu disse: não aprontamos nada. E nessa conversa ele falou assim, porque não Sorocaba. Eu disse não professor, quero Mairinque. Gosto de cidade pequena, gosto de

trabalhar projetos com a comunidade, enfim. Aí ele falou se você não aprontou nada, se você vai ajudar São Roque, porque você está levando todo mundo, né! Então eu vou autorizar você ir para Mairinque e na transferência eu fui o primeiro e os outros ficaram em São Roque. Pronto, então agora só faltam os três não conseguem vir. O prédio que não estava pronto, só tinha uma sala de aula pronta, terminando a segunda e o prédio inteirinho para fazer, basicamente fiquei uma semana no corredor, sem ter onde ficar, mas começamos a construir Mairinque. Foi uma construção assim que... é... construímos a escola do nosso sonho, onde todos é... tinham o direito de somar, o direito de contribuir, o direito de trabalhar dentro da Etec, e esse momento em Mairinque, foi quando nós começamos a construir essa Etec. Então a Etec de Mairinque ela nasce com dois cursos, em 2010, depois nós conseguimos trazer mais dois cursos, sempre com parceria com a prefeitura, então toda a minha experiência de gestão em São Roque eu fui implantando em Mairinque, mas de uma forma um pouco diferente. Lá em São Roque a comunidade participava, mas eram sempre os mesmos. Em Mairinque todos queriam participar. Então era algo assim gostoso. Nós fizemos o jardim, nós montamos as salas, nós montamos a biblioteca, fomos montando cada espaço dentro do espaço físico, e é a professora Laura até na época ela falou: então você vai para Mairinque, você vai ficar com Vargem Grande Paulista e São Roque vai ter de se reconstruir. Você vai ficar com Vargem Grande Paulista, ganhei Ibiúna, fiquei com Alumínio, e fui trabalhando por quase 10 anos, com muitos eventos, implantei a Expotec lá em Mairinque, que já deve estar na sua décima segunda edição. Os alunos... a Expotec foi uma experiência muito boa na minha vida profissional, por quê? O aluno recebia a escola, ele era o dono da escola por uma semana. Então eles montavam a exposição dentro da sala de aula, tinha toda a visita externa, eram três dias de visita, e depois, na sexta-feira seguinte, eles entregavam a escola para nós de novo. Montava-se a sala de aula, era uma coisa assim... era não, é ainda, eles continuam com essa rotina. Então a Expotec foi uma experiência muito boa para mim, né! Implantamos diversos cursos, química, cozinha, turismo receptivo em Ibiúna, que era nossa classe descentralizada, vários cursos de Via Rápida dentro do município. Tivemos muita parceria com a Secretaria de Educação, a de Cultura também. O município era muito aberto à Etec, sempre muito acolhedores. A APAE também muito parceira nossa lá. A Escola de Samba Dragões da Real sempre recebendo nossos alunos nas feijoadas.

DTL: Que bonito esse envolvimento da comunidade!

DAU: Muito, muito mesmo, saia fora da cidade de Mairinque. O aprendiz também era muito aceito pelas grandes empresas. Tinham empresas lá como a DSM, diz que é holandesa, todo semestre 30 a 35 alunos que eles contratavam nosso. Então era uma escola pequenininha,

mas muito envolvida com o local. Daí em 2019, enquanto eu estava em Mairinque, eu estava trabalhando no Laboratório de Currículo, que eu comecei lá em 2000, então estava 2011, 2012, mudamos de prédio, o Centro Paula Souza saí da Tiradentes e vem para a Santa Ifigênia, nessa época de 2011, 2012 e daí começou a ficar um pouco difícil, trânsito, São Paulo, então eu saí do Laboratório de Currículo, mas, mesmo assim, eu atendi alguns pedidos do professor Almério.

DTL: O Laboratório de Currículo como ele funcionava, de maneira assim genérica?

DAU: Eu cuidava dos cursos de Turismo, eu era professor responsável por reformular os cursos junto com uma equipe. Durante alguns anos eu fui coordenador de curso, dentro do Gfac e durante seis meses eu fui professor responsável da área para cuidar de todos os cursos. Então a partir do momento que a gente recebe essa demanda da Cetec faz todo o processo de estudos, então: qual o componente? o que que o mercado está pedindo? Faz pesquisa de mercado, enfim... então a gente estrutura o plano de curso dentro do laboratório de currículo. Nesse momento, a partir de 2008, 2007, eu comecei também a auxiliar a Feira Tecnológica do Centro Paula Souza. Nós começamos lá no parque da juventude e chegamos a grandes espaços na cidade de São Paulo, com mais de trezentos expositores, alunos de Etec e Fatecs e durante quatro anos eu fui presidente organizador, junto com a Márcia Fumanti e toda a equipe da Cetec na organização da feira. Aí em 2019, surge a oportunidade, abre-se o processo de eleição aqui na Etec Fernando Prestes. Eu ainda estava como diretor na Etec de Mairinque, fui conversar com o professor Almério, entendendo o grande desafio que viria pela frente, porque é uma escola muito grande o Fernando Prestes, né! E é um crescimento que ele vem de todos os contextos e a gente teria de fazer um entendimento de todo esse crescimento. É lógico que a escola tem muitos funcionários que se aposentaram e que estão se aposentando, então não consegue acompanhar o crescimento do Centro Paula Souza hoje. É importante dizer isso. Eu fui conversar com o professor Almério, ele também concordou e... só queria saber se você não vai levar a sua equipe... brincando comigo. Não professor, eu não vou levar a minha equipe. Particpei, então, do processo de eleição aqui da Fernando Prestes, comecei em julho de 2019. Em 15 de julho de 2019 e, em outubro, nós tivemos a retomada do evento Escola Aberta, que está com o nome de Visite, o Visite é dentro da Sede e o Visitec, já era um evento realizado na classe descentralizada do JIM, foi mantido. Fizemos algumas outras ações. Tivemos o Ilumina Etec que é um evento de Natal, produzido pelo pessoal de Eventos. Terminamos a Gincana desse ano, a noite do Oscar e começamos 2020 com essa projeção de continuar essa organização dentro da escola, não só na parte humana, mas também na parte física e vem a pandemia. Então trabalhei como diretor,

basicamente, dentro desse período, de março de 2020 até agosto de 2021, com 2700 alunos em loco, 160 professores, 30 funcionários, então não foi fácil. O desgaste foi muito grande, a comunidade externa em virtude da pandemia, de toda a situação social vivenciada, não só no Brasil, mas no mundo, isso também acabou trazendo para a escola e apagando a nossa luz, vamos se dizer. Perdemos alguns colegas de trabalho em virtude da pandemia, então não foi fácil. Voltamos em agosto de 2021, com muito vai e vem, vai e vem, incertezas, dificuldades. Os alunos sem o amor pela escola, a comunidade sem entender a escola, acho que esse é o ponto principal, né! Lembrando que o que moveu nós, foi a nossa equipe, um dando força para o outro, um ajudando o outro, mesmo aqueles que não entendiam, a gente buscava trazer para esse entendimento, que era uma aula remota e não uma aula on-line e assim a escola foi sendo trabalhada. Então o Fernando Prestes, a gente volta nesse rodízio em 2021. Tivemos uma greve pequena, mas acho que foi uma greve, acho que também marca todo nosso trabalho e com o compromisso de resgatar. Então eu coloquei na minha cabeça que em 2022 era um compromisso de resgatar e esse é um trabalho de formiguinha que nós estamos fazendo, tanto da parte da direção, dos professores, funcionários, os alunos, os pais, então a gente não mede esforços para atender, para escutar, para tentar mostrar os valores da educação. Tentar mostrar para os alunos que a escola não é um clube de campo. Que a Fernando Prestes tem essa visão (risos), felizmente ou infelizmente é uma cultura nossa, então mostrando para eles que aqui é uma escola. Então eu estou muito feliz, porque nós estamos tendo uma gincana muito bem estruturada.

DTL: A gincana é uma tradição aqui da escola, né?

DAU: Uma tradição, basicamente ele começou em 1982. Eu era aluno, basicamente ela foi tomando uma proporção, que hoje para o aluno do Ensino Médio, é um complemento na certificação deles (risos) Só que ele não vive a gincana e ele não estudou no Fernando Prestes. Então nós tivemos em 2020 a gincana suspensa, em 2021 não conseguimos realizar, e em 2022 nós retomamos, só que retomamos buscando alguns pontos. A gincana é importante, sim, é fundamental, sim, mas a educação supera tudo, sobrepõe todos, lidera tudo, então os alunos estão enxergando, a comunidade também está enxergando, e estamos com diversos projetos, principalmente eu falo assim, não é que eu tenho que olhar para os técnicos, porque os técnicos tem toda uma equipe de professores, que são formados dentro da área, que podem buscar uma visita, que podem ... o Ensino Médio, o olhar do professor ele é dele é dentro da sala de aula, então o aluno hoje ele precisa também desse olhar para fora da sala de aula. Então, para somar com esses professores nós estamos criando várias

visitas e olha só que gostoso, eu comecei a visita em junho, eu e o professor Leandro, que auxilia a professora Dina, a orientação Educacional.

DTL: A sua equipe é formada na parte de orientação educacional pelo professor Leandro, pela professora Dina e quem mais faz parte dessa equipe?

DAU: A professora Dina é a nossa Orientadora Educacional, o professor Leandro foi uma HAE que nós conseguimos para ele auxiliar nesse momento de retomada, a orientação educacional. A coordenação pedagógica é a professora Renata Alves, o diretor administrativo é o Darli, a diretora acadêmica é a Camila, a assessora técnica é a Cintia, que é a ATA e a Liliam que é a nossa assistente administrativa, que a gente chama de AA. Então os cargos de confiança da minha gestão são esses, além dos coordenadores de curso, que envolve o administrativo e tudo mais. Então, daí nós fizemos uma visita e aí os professores do Ensino Médio estão agora produzindo essas visitas, e eu fico muito feliz da gente começar essa engrenagem, e eles estão dando essa sequência. E foi uma coisa automática, não foi nada imposto, então essa semana que estamos fazendo a entrevista, temos visita no Sesc, temos visita para a USP, vão cinco ônibus USP. É uma preocupação imensa, então eles estão assim, tentando, sabe, minimizar o impacto da pandemia, minimizar um semestre difícil, com eleições, com copa do mundo, enfim com a pandemia, então resolveram tentar diminuir todo esse processo.

DTL: Professor Divanil, eu queria, antes de agradecê-lo por essa belíssima entrevista, muito, muito rica, em termos de história para a nossa escola, para a do Centro Paula Souza, duas coisas antes de nós finalizarmos. Aqui nós temos alguns objetos que foram doados pelo professor Renato Deluna e como você fez parte da equipe dele se você pudesse identificar para a gente. A gente sempre faz esse processo de identificação e outros que observar aqui no centro de memória.

DAU: Vamos chamá-lo aqui um dia para ele dar o nome técnico para estes instrumentos aqui. Antes de eu falar desses instrumentos, só para deixar registrado, em 2015, eu prestei um novo concurso dentro do Centro Paula Souza e a partir desse novo concurso eu sou professor do Ensino Superior da Fatec São Roque, então eu ajudei a implantar o curso de Turismo na Fatec São Roque. Então só para vocês entenderem que desde 1999, São Roque não sai da minha vida profissional e estou até hoje na Fatec São Roque também, né! Bom, isso aqui (demonstra o objeto de madeira) é um carimbo, porque no formato do papel, esse aqui é um

sulfite, então a gente carimbava, e daí com a descritivas, preenchia o nome do aluno, a data, o título do projeto, o nome do desenho.

DTL: como um cabeçalho?

DAU: Isso, então ele é uma legenda. Isso aqui é um papel quadriculado (demonstra um carimbo de madeira com base quadriculada). Não existia o papel quadriculado impresso, então isso aqui é a mesma coisa, você quadriculava para esboçar o desenho. Isso aqui é um quadriculado, deixa eu ver se é isométrico ou cavaleira. Eu acho que ele é isométrico, é isométrico, 30 e 60 graus, então para fazer uma perspectiva isométrica também se carimbava, esse é o mesmo, agora esse aqui eu não sei o que é Dani. Esse eu não lembro.

DTL: Não tem problema!

DAU: Esse aqui nós vamos perguntar para o Renato, tá bom? E é isso...

DTL: Ok, professor! Muito obrigada, mais uma vez, em nome do Centro de Memória e em meu nome, professora Daniele Torres, nós agradecemos imensamente sua rica entrevista e para que a gente possa finalizar, poderia deixar uma mensagem. Que mensagem você deixaria para quem assistir essa entrevista?

DAU: Bom, a mensagem que eu deixo, primeiro a importância de ser um educador, um educador como profissional, e a partir do momento que a gente tem essa responsabilidade e esse compromisso nós transformamos a nossa profissão em um instante mágico. É esse instante que eu vivo cada vez que eu entro na Etec Fernando Prestes, cada vez que eu entro na Fatec São Roque. Eu como profissional vivendo cada um desses momentos. É essa a mensagem. É a gente olhar com respeito essa vida profissional e nós como profissionais realmente entendermos e valorizarmos cada uma das nossas ações.

DTL: Muito obrigada pelo seu tempo e assim que a entrevista estiver transcrita nós vamos te entregar.

DAU: Eu que agradeço e parabéns!

DTL: Obrigada!

Descritores

História oral na educação

Memórias do trabalho docente

Divanil Antunes Urbano

Daniele Torres Loureiro

Centro Paula Souza

Etec Fernando Prestes

Etec de São Roque

Etec de Mairinque

Etec de Cotia

Etec de Santana de Parnaíba

Fatec São Roque

Classes Descentralizadas

Via-Rápida

Gfac

Técnico em Construção Civil

Técnico em Turismo

Desenhista de Arquitetura

Auxiliar de Escritórios

Laura Laganá

Almério Melquíades de Araújo

Luís Alberto Agasi

Leila Teresa Rolim de Almeida

Luiz Antonio Koritiake

Expotec

Visite

Feira Tecnológica do Centro Paula Souza

Escola Aberta

Orientador educacional

Pandemia do Covid 19

Dados Biográficos do Entrevistado



Divanil Antunes Urbano é técnico em Desenho de Arquitetura pela ETE Fernando Prestes, graduado em Engenharia Civil pela Faculdade de Engenharia de Sorocaba - Facens. Licenciado e pós-graduado em Eventos e Gestão Pública, cursando mestrado em Gestão de Empresas Turísticas, além de possuir especializações em Agenciamento Viagens, Guia de Turismo, Design de Interiores e Fotografia.

Como engenheiro civil atuou por muitos anos no escritório do renomado engenheiro Paulo Sérgio de Souza Nogueira, foi proprietário de um escritório de engenharia e dentro do Centro Paula Souza, desde o início da década de 90, já atuou como professor, nas áreas de Construção Civil, Turismo e Agenciamento de Viagens; como coordenador de curso; como professor responsável por laboratório de currículos junto ao GEFAC; professor da Fatec São Roque e diretor nas ETECs de São Roque, ETEC Mairinque e atualmente da ETEC Fernando Prestes.



Daniele Torres Loureiro - Desde 2003 é professora do Ensino Médio e Técnico; atuou como mediadora de aprendizagem do Técnico em Administração – EADTEC, é membro do Centro de Memória da Etec Fernando Prestes e professora conteudista do GEEAD. Bacharel em Administração Pública pela UFSJ. Aluna do PPGED da UFSCar Sorocaba (2016-2017). Pós-

graduada em PIAGED - UFF (2015). Tecnóloga em Automação de Escritórios e Secretariado pela Fatec-SP (1998). Foi coordenadora de Curso (2006); Membro do Projeto Historiografia (2005-2006); Professora da pós-graduação no Senac (2012 e 2013); Professora Universitária – Unip (2011-2012). Membro do projeto Biblioteca Ativa (2014 e 2015). Organizou exposições sobre a história dos cursos da Etec Fernando Prestes e apresentou trabalho no VI COLUBHE (2006). Participou do Programa Intercâmbio da Fundação Rotária (2009). Apresentou estudos no II SEMTEC (2013) e VI Encontro de Memórias e História da Educação: Concepções, Rupturas e Permanências (2018).

Anexos (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Divanil Antunes Urbano

Termo de Autorização para uso de Imagem de Divanil Antunes Urbano